
**JORGE LUIS BORGES, O FAZEDOR DE HISTÓRIAS:
AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E
ESQUECIMENTO ATRAVÉS DA NARRATIVA LITERÁRIA**

Sônia Meneses

Docente da Universidade Regional do Cariri-URCA, doutora em história pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Pesquisa das relações entre história e mídia, tempo presente, internet e história, história e literatura.

JORGE LUIS BORGES, O FAZEDOR DE HISTÓRIAS: AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO ATRAVÉS DA NARRATIVA LITERÁRIA**JORGE LUIS BORGES, THE MAKER OF STORIES: THE RELATIONS BETWEEN HISTORY, MEMORY AND FORGETTING THROUGH THE LITERARY NARRATIVE**

Sônia Meneses

RESUMO

Este artigo analisa aspectos da obra de Jorge Luis Borges, procurando investigar como o autor aborda temáticas tradicionalmente associada ao fazer historiográficos como: tempo, memória e esquecimento, de forma a compreender como a literatura pode trabalhar conceitos e construir significados a partir de tais categorias.

Palavras-chaves: Literatura, Jorge Luiz Borges, Memória, Esquecimento

ABSTRACT:

This paper examines aspects of the work of Jorge Luis Borges, seeking to investigate how the author tackles themes traditionally associated with historiographical do a time, memory and forgetting, in order to understand how literature can work concepts and construct meaning from such categories.

Keywords: literature, Jorge Luis Borges forgetting, memory

Fatos que povoam o espaço e que chegam ao fim quando alguém morre podem maravilhar-nos, mas uma coisa, ou um número infinito de coisas, morre em cada agonia, a não ser que exista uma memória do universo, como conjecturaram os teósofos. No tempo houve um dia que apagou os últimos olhos que viram Cristo; a batalha de Junín e o amor de Helena morreram com a morte de um homem. O que morrerá comigo quando eu morrer, que forma patética ou perecível o mundo perderá? (*Borges, Jorge Luis, A testemunha, 1999.*)

Imagine-se colocar a questão sobre o que morrerá consigo no terminar dos seus dias. Que lembranças do outro o seu silenciamento levará? A citação acima, extraída do conto “a testemunha” do escritor argentino Jorge Luis Borges, coloca-nos diante da alteridade do ato de lembrar. Faz-nos compreender que a memória sempre nos situa numa relação com o outro e o findar de cada vida trás à tona a própria dimensão do esquecimento. Todavia o extrato evoca ainda outras histórias implícitas: a narrativa fundadora do cristianismo e a morte de seu principal ícone, a *batalha de Junín* um dos eventos que precipitaram a independência do Peru e por fim, a história de Helena, filha de Zeus, mulher de Menelau, cuja beleza preencheu a imaginação de heróis e por quem tantos morreram disputando seu amor. Três narrativas, totalmente distintas e distantes: a primeira religiosa; a segunda histórica e por fim, a terceira, mitológica.

Embora essas histórias partam de lugares diferentes, no texto de Borges, são colocadas em um mesmo horizonte de significação e relevância. No pequeno trecho o autor quebra, surpreendentemente, com os elementos de hierarquização entre verdade e ficção, imaginação e realidade. Ainda que projete a dúvida quanto à existência de uma memória universal que guardaria todos os acontecimentos humanos, que a modernidade nomeou de história, é sobre o indivíduo que recai a responsabilidade do ato de lembrar. No conto de Borges cada evento humano, de grandes ou pequenas proporções, histórico ou vulgar, é visto pelos olhos de alguém que pode testemunhar.

Dessa forma, suas histórias não precisam obedecer a uma correspondência direta com os eventos do mundo, pois, o autor simplesmente as considera como histórias contadas, vivas. Formuladoras de memórias que pulsam no imaginário de vários grupos humanos. São importantes, pela capacidade de agenciamento que produzem, como, pelo poder de sensibilização que realizam, sendo assim, o lembrar se ampara ainda em duas outras ações, o

ouvir e o contar, por isso, o autor parece demonstrar certa melancolia diante da morte das lembranças que estarão, para sempre, perdidas no tempo pela morte de seu narrador.

Jorge Luis Borges foi um contador de histórias e também um grande ouvinte. Sob a influência dos avôs acostumou-se a imaginar o mundo com as histórias lidas e narradas por eles, fato que o estimulou precocemente ao acesso às literaturas inglesa, americana, francesa, assim como a história da Argentina, grande referência em seus escritos. Desde cedo, familiarizou-se ao universo literário na casa dos pais, em Palermo nos subúrbios de Buenos Aires; lugar no qual se reuniam nomes da intelectualidade argentina de princípios do século XX. Espaço de fabulação de história, de memórias e esquecimentos e que, por toda vida, acompanharam Borges em sua peregrinação pelo mundo. Acometido por um processo degenerativo que mais tarde o faria perder completamente a visão, nas últimas décadas de sua vida, foi através da voz de sua mãe, lendo-lhe livros e relatando-lhe o dia-a-dia, que enxergava o mundo quando a cegueira tomou conta de seus olhos.

Tanto pelas influências que teve na Argentina, como por seu vagar pelo mundo conhecendo outras línguas, costumes e memórias, Borges produziu uma literatura de fronteira no dizer de Beatriz Sarlo (2008), uma literatura nas *orillas*, provocativa e inovadora, para a autora:

Borges inscreve uma literatura no limite, reconhecendo ali uma forma cifrada da Argentina. Superfície indecisa entre a planície e as primeiras casas da cidade, as *orillas* possuem as qualidades de um lugar imaginário, cuja topologia urbano-criolla desenha a clássica rua “sem calçada” (...) Borges escreve um mito para uma Buenos Aires que, a seu ver, precisava de um. A partir de uma memória que quase não é a sua, opõe a cidade moderna essa cidade estética sem centro, construída inteiramente sobre a matriz da margem. (SARLO, 2008, p.49-50).

Nela, inúmeros elementos literários se cruzam marcando uma produção densa e assinalada por auto-referências. Borges narrava o mundo em seus textos na mesma medida em que parecia narrar-se dentro deles pois “o narrador que lembra de modo exaustivo seria incapaz de passar por alto o importante, nem força-lo, pois o que narra formou um desvão pessoal da sua vida, e são fatos que ele viu *com os próprio olhos*” (SARLO, 2007, 52).

Por isso não é surpresa que o tema da memória e do esquecimento sejam aspectos tão recorrentes em sua obra, posto que, o autor fazia com que seus questionamentos

metafísicos, filosóficos e existenciais se tornassem problemas em sua escrita aos quais juntava-se ainda uma renitente preocupação com a história. Esta última, presença fantasmagórica que queria dizer ao leitor que ali também, onde a imaginação parecia explicar o mundo, o real pedia licença para entrar obedecendo às astúcias de sua fabulação, dessa forma, para Borges o real vale, sobretudo, por sua dimensão desconcertantemente fantástica.

Consequentemente, seu realismo fantástico nos faz pensar não apenas nos problemas que o autor coloca à própria literatura e sua relação com o espaço de seu país no século XX e suas experiências pessoais marcadas pela perda da visão, a timidez e a velhice, mas estimula-nos a ver em sua literatura um elemento problematizador para a escrita da história na medida em que o autor é capaz de operar com conceitos fundamentais para o campo historiográfico, tal é a força de suas provocações ao tratar dos conflitos da memória e do esquecimento sempre enredados em suas crônicas e poemas. Fala de literatura, mas fala também para a história, sugere-nos que compreender os labirintos do tempo é também imaginá-lo a partir da dimensão criativa do próprio ato de narrar.

Por conseguinte, apresenta-se aqui, primeiramente, um duplo desafio: pensar a literatura como problema para a história, como produção formuladora de sentidos tanto sobre o passado, como sobre conceitos para o campo da história, nesse caso a memória e o esquecimento e, por outro lado, refletir como esses conceitos podem ser analisados tomando como ponto de partida uma narrativa tradicionalmente definida como ficcional. Isto, necessariamente, leva-nos a uma terceira questão: pensar a história, ciência que por excelência se define como fabuladora de narrativas reais a partir da literatura, para qual narrar, prescinde de uma ligação direta com os eventos “reais” do mundo. Dessa forma, colocamo-nos diante de um intercruzamento de duas fronteiras, tal como se fossem rios de tonalidade diferente que se tornam navegáveis pelo ato de tecer histórias.

1. Pensar a memória e o esquecimento nas fronteiras da literatura e história

O tempo ensinou-me algumas astúcias: (...) simular pequenas incertezas, já que, se a realidade é precisa, a memória não o é; narrar os fatos (...) como se não os entendesse totalmente; lembrar que as normas anteriores não são obrigações e que o tempo se encarregará de aboli-las. (...) A poesia não é menos misteriosa que os outros elementos do orbe. Tal ou qual verso afortunado não pode envaidecer-nos, porque é dom do acaso ou do espírito; só os erros são nossos. Espero que o leitor descubra em minhas páginas algo que possa merecer sua memória; neste mundo a beleza é comum (BORGES, 1969).

Se não fosse Borges a escrever o prólogo do seu quinto livro *O Elogio da Sombra* de 1969, desavisados, talvez pudéssemos ler aí as confissões de um historiador refletindo sobre as manifestas limitações de sua atividade historiadora, tal é a similitude daquilo que nos aproxima das inquietações do escritor, senão vejamos: o lugar da obra no tempo e as mudanças na conformação de suas regras, os paradoxos narrativos de cada evento, as escolhas do autor para construir seus objetos e, por conseguinte, a dimensão de arbitrariedade nessa seleção ou em sua construção narrativa.

Borges fala de sua poesia, mas nos faz pensar sobre o trabalho do historiador e problemas muito similares com os quais nos deparamos na operação historiográfica. Ao final, manifesta um desejo: “*espero que o leitor descubra em minhas páginas algo que possa merecer sua memória*”, com ele, o autor claramente reconhece sua própria escrita como lugar de memória, portanto, faz do texto literário, artefato de recordação. Uma escrita que tanto pode estimular a lembrança a partir dos elementos que evoca como pode ser espaço de reflexão sobre ela como sugere no poema *João I, 14*:

Conheci a memória,
essa moeda que não é nunca a mesma.
Conheci a esperança e o temor,
esses dois rostos do incerto futuro.
Conheci a vigília, o sono, os sonhos,
a ignorância, a carne,
os torpes labirintos da razão,
a amizade dos homens,
a misteriosa devoção dos cães.

O autor vai além, ao fazer da própria história e do tempo seus principais problemas narrativos, embora isso não lhe surja como engajamento literário, ou profissão de fé, manifesta-se como objeto constante de suas preocupações. Por não se satisfazer com a realidade referencial, Borges cria outra, ou outras, nas quais o tempo é marcado por rupturas, permanências, deslocamentos entre a realidade referencial e o mundo imaginado em seu realismo fantástico. Em seus escritos, a insegurança do tempo que passa assusta da mesma forma que fascina. Para marcar a temática temporal como aspecto inquietante de suas reflexões, ao apresentar a coletânea de prosas e poemas, no livro “*O Outro, O Mesmo*” (1999), chama a atenção para o fato:

Dentre os muitos livros de versos que minha resignação, meu descuido e às vezes minha paixão foram rabiscando, *O Outro, O Mesmo* é o que prefiro. Aí estão o “Outro poema dos dons”, o “Poema conjectural”, “Uma rosa e Milton” e “Junín”, que, se a parcialidade não me engana, não me desonram. Aí estão também meus hábitos: Buenos Aires, o culto aos ancestrais, a germanística, a contradição do tempo que passa e da identidade que perdura, meu estupor de que o tempo, nossa substância, possa ser compartilhado. (1999, p.06).

Borges reconhece sua relação pessoal com sua obra, ali estão seus “hábitos”. Ao marcar o próprio sujeito como substância temporal ancora a possibilidade de compreensão do passado numa relação partilhada através da literatura que procura tecer o lugar do passado no presente, e, conseqüentemente no futuro. Dessa maneira, talvez possamos ver ainda um claro engajamento borgeano com o passado, dimensão simbólica objetivada através de sua narrativa. Uma literatura que escreve o passado reinventado a partir de questões contemporâneas.

Suas tessituras não seguem o caminho previsível e suas intrigas sempre parecem ultrapassar o espaço-temporal referencial sem, no entanto, se contrapor totalmente a ele, labirintos que se estendem inter cruzando realismo fantástico e história. O leitor de Borges é sempre convidado a entrar em uma casa de espelhos que deformam, criam e escondem imagens. Espelhos que por sinal, são a metáfora recorrente em sua obra. Nela corremos o risco de nos perdermos como quem caminha entre simulacros inquietantes de personagens, eventos e sensações.

Entre o real e o fantástico, entre o nacional e o cosmopolitismo, Borges conta histórias como quem constrói os caminhos, muitas vezes estranhos e, aparentemente indecifráveis desse labirinto de espelhos, os quais, o próprio Borges dizia temer, como no conto “*Os Espelhos Velados*” no livro *O Fazedor*:

Quando menino, conheci esse horror a uma duplicação ou multiplicação espectral da realidade, mas diante dos grandes espelhos. Seu infalível e contínuo funcionamento, sua perseguição de meus atos, sua pantomima cósmica eram então sobrenaturais, desde que anoitecia. Um de meus instantes rogos a Deus e a meu anjo da guarda era o de não sonhar com espelhos. Sei que os vigiava com inquietude. Algumas vezes temi que comessem a divergir da realidade; outras, ver neles meu rosto desfigurado por adversidades estranhas. (1999a, p.15).

Como se ele estivesse em diálogo com seus personagens, habitando também o mundo metafórico de sua literatura, o espelho para Borges configura-se na confrontação com uma realidade fantástica que pode ser lida como sua rejeição a um modelo de sociedade e urbanidade que se construía em Buenos, temor que pode ainda ser explicado também pela dificuldade do auto-reconhecimento dentro dos valores tradicionais que criavam o ideal da argentinidade.

Beatriz Sarlo ressalta que Borges produz uma literatura sempre em conflito, de caráter duplo; nela o real parece encontrar lugar nas fronteiras de uma tradição portenha e uma literatura universal pois, como diz a autora, “de frente para o passado crioulo, Borges se pergunta como evitar a força do local que somente produz uma literatura regionalista e extremamente particularista, sem renunciar à densidade cultural que vem do passado e é parte de sua própria história?” (apud Miotto, 2010, p. 14).

Equilibrando-se nessa linha tênue entre a nostalgia do que passou e a negação de um presente cujas afetações nacionalistas desprezava e para a qual o peronismo era a maior representação, o autor encontra no mundo configurado de sua obra, o passado que idealizava em suas memórias ao qual acrescenta o interesse de construir um outro olhar sobre a argentinidade, que deveria ser concebida por valores mais cosmopolitas que locais, já que para ele, segundo, Rodriguez-Monegal, “o nacionalismo é somente um conceito romântico, anacrônico ou uma experiência de sangue oriunda dos militares de sua família” (MIOTTO, 2010, p.15).

Assim, o mundo tecido por Borges era o lugar onde a morte encontra a vida e a história podia descobrir a imaginação. Talvez essa fosse a maneira encontrada por ele para dialogar com seus futuros leitores, mesmo quando ele próprio tivesse silenciado, situação que pode ser experimentada logo na primeira crônica do livro *O Fazedor*, dedicado a Leopoldo Lugones:

Se não me engano, você não me queria mal, Lugones, e teria gostado de gostar de algum trabalho meu. Isso nunca ocorreu, mas desta vez você vira as páginas e lê com aprovação um ou outro verso, talvez por reconhecer nele sua própria voz, talvez porque a prática deficiente lhe importe menos que a sã teoria. (1999a, p.08).

O encontro que ocorre no ano de 1960 e é o diálogo de Borges com outro escritor, também argentino, falecido em 1938. Personagem complexa, poeta, expoente do modernismo argentino, Lugones foi também um político controverso que partiu da esquerda radical para torna-se aliado das forças mais conservadoras do seu país o que inclusive o aproximou do fascismo. Se Leopoldo Lugones não fosse real, talvez tivesse dado um bom personagem saído da imaginação borgeana.

Lugones influenciou sobremaneira seus escritos iniciais, principalmente, por seu engajamento à gauchesca, causa exaltada nas primeiras décadas do Século XX para o que seria a construção de um das principais figuras da identidade argentina moderna: o gaúcho, configuração do herói anônimo e nômade, que representaria a “essência” da argentinidade, o que o contrapunha à imagem do caudilho, personagem truculento do poder local que representava as oligarquias e o estado. Borges continua seu diálogo improvável:

“Minha vaidade e minha nostalgia armaram uma cena impossível. Pode ser (digo para mim mesmo), mas amanhã eu também estarei morto e nossos tempos se confundirão e a cronologia se perderá num orbe de símbolos e de algum modo será justo afirmar que eu lhe trouxe este livro e que você o aceitou.” (Idem)

O autor nos introduz em um jogo narrativo no qual constrói um tempo intervalar; um lugar que congrega a dispersão de dois mundos através da literatura, nesse caso, a crônica instaura um presente-passado ficcional que permite que a conversa entre o autor e seu

personagem já falecido se realize. Por outro lado estabelece também um diálogo com nosso presente-presente na medida em que somos também confrontados com o oferecimento provocativo de Borges como se nossos tempos também se tivessem misturado e “*a cronologia tivesse se perdido nesse orbe de símbolos*”.

É no cruzamento desses dois tempos que nossa imaginação criadora é capaz de formular novas lógicas de identificação e assimilação pelo efeito de verossimilhança que o texto produz. De alguma maneira o compreendemos porque o círculo hermenêutico da obra sempre se renova, para usar a expressão de Paul Ricoeur (1997), numa ação em que se misturam-se elementos históricos e literários concedendo sentido à obra.

A artimanha de se colocar como personagem em seu próprio texto serve como artifício para que ele mesmo não leve, no findar de seus dias, as lembranças e histórias que não queria ver esquecidas, mesmo aquelas que povoaram sua imaginação. Dessa maneira, Borges não somente realiza um jogo ficcional de uma cena improvável, ele se torna também história contada. Pelo ato da escrita de Jorge, Lugones vive para nós pelo ato da leitura como alguém que continua contando, como personagem de seu próprio diálogo, Borges também quer se tornar lembrança. Intenção que fica clara no prólogo do livro *Borges Oral* (1999-b), coletânea de aulas dadas por Borges na universidade de Belgrano, de 1979, quatro anos antes de sua morte:

Graças ao auditório, que me prestigiou com sua indulgente hospitalidade, minhas aulas alcançaram um êxito que eu não esperava e que certamente eu não merecia. A exemplo da leitura, a aula é uma obra em colaboração, e aqueles que a ouvem não são menos importantes que aquele que a profere. Neste livro está minha parte pessoal daquelas sessões. Espero que o leitor as enriqueça, como as enriqueceram os ouvintes. (1999-b, p. 05).

Aqui o tempo, a lembrança, a morte e a história mantêm sua dimensão de experiência humana, mas extrapolam o universo de onde elas partem e cruzam a fronteira de nosso próprio tempo. Dessa maneira, fatos imaginários se misturam a eventos reais não em uma oposição binária que obrigaria uma escolha entre verdade e ficção, mas são assim dispostos para fazer pensar o real a partir de outras conexões.

Cruzamento que somente se torna possível pela capacidade criadora da narrativa que, partindo de uma compressão do mundo, das experiências temporais no qual concorrem vários signos e símbolos, ampara sua contextura; na ação, na densidade complexa da vivência humana em seus aspectos e riqueza. É o mundo no qual o autor busca referências para sua obra, sem ele, a tessitura de sua intriga dificilmente poderia se tornar um todo coeso e inteligível. Para Walter Benjamim, compreendida dessa forma, a narrativa assume uma função utilitária, na medida em que, “essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIM, 1996, 200).

Universo simbólico estruturado em uma rede de relações e inter-relações que definem a própria postura diante da realidade. Realidade que em si não pode ser apreendida a não ser através dessa teia de construções, o que se ressalta portanto, é a capacidade da obra literária de se constituir como lugar de lembrança e por conseguinte, cenário da dialética entre memória e esquecimento.

O caráter de mediação da narrativa não se manifesta somente na organização de um mundo próprio da obra, ela efetiva também uma, ou várias temporalidades. Torna o tempo mais do que um conceito e o faz existir como categoria compreensível a partir do ato narrativo. Sendo assim, as referências temporais são mobilizadas de maneira a contribuir para ordenar o emaranhado de nossas percepções, atualizando-as ao mesmo tempo em que as insere em uma ordem reconhecível de significados. Vejamos como o autor nos apresenta essa relação no poema *Heráclito*, do livro *Elogio à Sombra*:

O segundo crepúsculo.
A noite que mergulha no sono.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo.
A manhã que foi a aurora.
O dia que foi a manhã.
O dia numeroso que será a tarde desgastada.
O segundo crepúsculo.
Esse outro hábito do tempo, a noite.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo...
A aurora sigilosa e na aurora
a inquietude do grego.
Que trama é esta

do será, do é e do foi?
Que rio é este
pelo qual flui o Ganges?
Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este
que arrasta mitologias e espadas?
É inútil que durma.
Corre no sonho, no deserto, num porão.
O rio me arrebatou e sou esse rio.
De matéria perecível fui feito, de misterioso tempo.
Talvez o manancial esteja em mim.
Talvez de minha sombra,
fatais e ilusórios, surjam os dias.

Heráclito de Borges nos joga no torvelinho do rio que é o próprio tempo do qual não se pode escapar já que ele “corre no sonho, no deserto, num porão”. Águas que estão sempre em movimento e que engendram a trama e que congregam passado, presente e futuro e na qual são arrastadas “mitologias e espadas”. Projetando a experiência do sujeito que vive os efeitos de suas correntezas ao ser arrebatado pelo tempo em sua tripla dimensão, sujeito que é também parte dele, “de matéria perecível fui feito”, nos diz o autor. Por isso nos avisa: “eu sou esse rio” e é através de seus cursos que nos enlaçamos ao passado e ao futuro, descortinam-se imagens de nossa infância e projeta-se nele nossa velhice, o segundo crepúsculo que necessariamente encontrará a todos.

Mas o rio do qual Borges fala, também poderia ser, outro: Lethe, o mitológico grego que trás a benção purificadora do esquecimento, ressaltando a necessidade de também nos ser dada a possibilidade do esquecer. Dessa forma, a imersão no rio de Borges, é um mergulho de um homem no tempo, não por acaso, tal conclusão nos faz lembrar outro autor que dedicou sua vida a pensar a história e o tempo: antes de morrer, Marc Bloch cunhou uma de sua expressão mais conhecidas para se referir à história: ciência dos homens no tempo.

Para finalizar, realizo um último exercício de reflexão com o conto *Diálogo de Mortos*, no qual Borges coloca lado a lado dois expressivos personagens da história argentina:

(...) – Que aflição ver um guerreiro tão notável derrubado pelas armas da perfídia! – disse em tom rotundo. – Mas também que íntima satisfação ter ordenado que os vitimários purgassem seus crimes no patíbulo, na praça da Vitória!

(...) Devo a você esta dádiva de uma morte bizarra, que não soube apreciar naquela hora, *mas que as gerações seguintes não quiseram esquecer.*

Rosas, que retomara o prumo, olhou-o com desdém. – Você é um romântico – sentenciou. – *O favor da posteridade não vale muito mais do que o contemporâneo*, que não vale nada e que se consegue com algumas divisas.

(...) Pode ser – disse Quiroga –, mas eu vivi e morri e até hoje não sei o que é o medo. E agora quero que me apaguem, que me dêem outro rosto e outro destino, porque a história se cansa dos violentos. Não sei quem será o outro, o que farão comigo, mas sei que não terá medo.

– A mim me basta ser o que sou – disse Rosas – e não quero ser outro.

– Também as pedras querem ser pedras para sempre – disse Quiroga – e durante séculos o são, até que se desfazem em pó. Mas Rosas não lhe deu atenção e disse, como se pensasse em voz alta:

– Vai ver não estou afeito a estar morto, mas estes lugares e esta discussão me parecem um sonho, e não um sonho sonhado por mim, e sim por outro, que ainda está por nascer.

A cena inusitada é o encontro entre Juan Manuel Rosas e Facundo Quiroga. Nomes que povoam tantos os livros da história da argentina como o universo popular daquele país. Rosas, morto na Inglaterra, em uma pequena confortável estância no interior daquele país em 1877, conhecido como o grande ditador, ligado ao poder conservador e aos grandes proprietários locais, impôs-se com governante de plenos poderes na luta de unificação do território portenho, embora se colocasse como defensor da federação. Facundo Quiroga, falecido em 1835, assassinado em lugar ermo no interior da argentina, tornou-se a imagem do combatente, nômade, solitário e valente. Caudilho violento que atemorizava e fascinava ajudando a povoar o imaginário das histórias e crônicas populares auxiliou Rosas a dominar o interior contra os unitários. Para alguns, Quiroga foi morto a mando de Rosas que temia o aumento de seu poder entre soldados e líderes locais tornando-se empecilho para sua vitória.

Todos os elementos que acabei de mencionar estão dispostos nesse diálogo. Pelas falas das personagens são evidentes os conflitos, dissensos e dúvidas as quais a própria história nacional argentina se coloca ao realizar a narrativa de construção de seu território nacional. Estão aí, a figura imponente de Rosas a chegar no inferno (ou no céu) a deferência subserviente dos populares que o guardavam: *e, lá do fundo, alguém gritou um palavrão, mas um terror antigo os detinha e não se atreveram a mais nada*. A presença assustadora e mítica de Facundo, “*com dez ou doze ferimentos mortais (...) como lista na pele de tigre*” é o único a confrontá-lo.

Contudo se avançarmos um pouco mais em nossa reflexão, podemos notar que, embora construa uma cena que remete a elementos de uma história nacional o próprio Borges a desdenha colocando em xeque a fragilidade de sua elaboração, posto que, “o favor da posteridade não vale muito mais do que o contemporâneo, que não vale nada e que se consegue com algumas divisas”. Por isso, seu Quiroga, pede pra ser outro, queria se despir da vestimenta do herói truculento que o cobria e quem sabe construir para si outra memória.

Todavia, não é objetivo de Borges contar a versão daquilo que realmente ocorreu a Rosas e Quiroga, pois, flagra-os justamente depois da morte, assim, o autor cria uma outra possibilidade de encontro, no espaço possível que a ficção permite e, conseqüentemente, submete seus personagens a um encontro engendrado em uma outra ordem de sentido que somente é possível no mundo que sua obra. Por isso parte da negação, do não possível, do não plausível “dois mortos que se encontrarem” para ressaltar a tensão presente na própria narrativa histórica do país.

A partir da força de inventividade de sua literatura, Borges cria formas de representação histórica que também servem à tradução do mundo problematizando-o por outros caminhos a partir do ato literário. Com argumenta Beatriz Sarlo (2008), se a originalidade de Borges reside na sua resistência de ser encontrado, ali onde o buscamos, talvez esse possa ser também indício para pensarmos a relação entre história e literatura.

Ao pensarmos nessas duas formas narrativas: literatura e história, pode se compreender como suas feitura dialogam em várias categorias de percepção do real num jogo dinâmico e tumultuoso de signos e referenciais. Nelas um agente é fundamental: a tessitura da intriga. Para além das formas sob as quais diferentes histórias organizam é no ato de narrar que seus conteúdos adquirem sentido e explicação. Isso não significa dizer que a textualidade se sobrepõe à vivência ou às práticas humanas, mas sim, que o próprio ato de narrar é uma ação puramente humana. É pela necessidade de não silenciarmos, para retomar o início do texto, e de compreendermos nossas ações no tempo que contamos histórias, e talvez, exatamente, por isso que Borges ofereceu as suas.

Os textos borgeanos nos sugerem como a memória e esquecimento podem ser tomados como objetos literários de grande força e significação. Mas além disso, podemos perceber que o próprio arranjo de sentidos estruturados em sua obra acaba por servir como

poderoso agente de efetivação de lembranças que extrapolam o próprio texto. Ao jogar com elementos do real misturando-os a personagens e eventos imaginados, formula interpretações muito particulares sobre a própria história argentina e seus atores, o que faz desta, “um encontro de caminhos. (...) a qual não se instala por inteiro em nenhum lugar” (SARLO, 2008, 17). Uma obra marcada pela tensão tanto do mundo de onde parte, como daquele que cria através da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasileira, 1996.
- BORGES, Jorge Luis. *Borges Oral. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- _____. *Elogio da Sombra. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- _____. *Fervor de Buenos Aires. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- _____. *O Fazedor. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- _____. *O Outro, o Mesmo. Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- MIOTTO, Franciele Cristina. *El Sur – a fundação de um espaço mítico em Jorge Luis Borges*. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2010.
- PRATT, Mary Louise. *Literatura e História – perspectivas e convergências*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- ROCCA, Pablo. Uma literatura de fronteiras: Jorge Luis Borges, ficções e debates. *O Eixo e a Roda - Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p.123-142, 2009.
- SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SARLO, Beatriz. *Tempo Passado – Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papyrus Editora, 1997.

Artigo recebido em abril de 2014. Aprovado em maio de 2014.